

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entrega
Portugal (franco de porte), m. forte...	3800	1900	650	5
Possessões ultramarinas (idem).....	4200	2200	750	5
Extrangeiro (união geral dos correios)	5500	2750	900	5

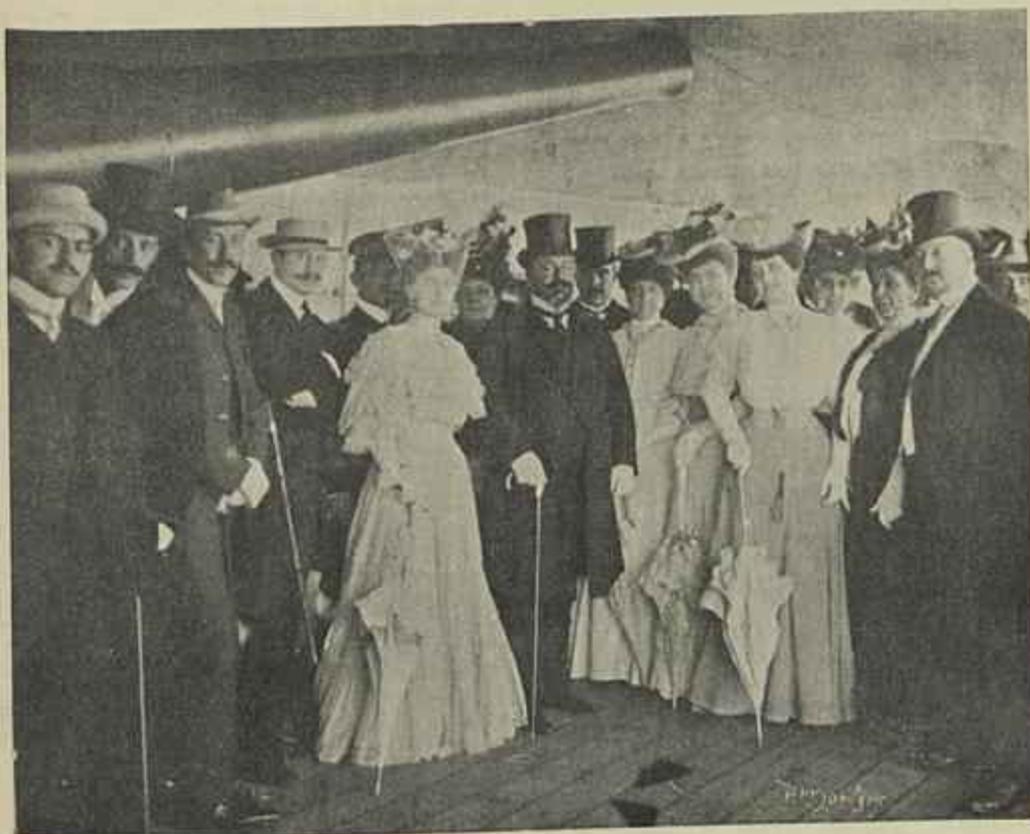
29.º Anno — XXIX Volume — N.º 990

30 DE JUNHO DE 1906

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Typ. do Anuario Commercial—Calçada da Gloria, 5

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.—Editor responsável Caetano Alberto da Silva.



NA «MATINÉE» A BORDO DO CRUZADOR ARGENTINO «BUENOS AYRES» — OS CONVIDADOS
(Cliché Benoliel)

sam, quando se pôde, como quem abala uns dias para o campo, fugir á monotonia de enfileirar tristes notas e pedir um bilhete de primeira para as regiões azues, então equilibra-se a gente, como melhor souber, na corda bamba que se lhe offerece, e seja-lhe maromba o bom humor.

A politica vae falhando. Ainda, uma vez por outra, lêmos, n'um ou outro jornal, algum artigo mais violento, mas, com os ares, frequentemente, de haver sido escripto sobre posse. Não ha coragem para grandes furros nem para vivos entusiasmos, quando o mercurio se poz a trepar pela columna do thermometro assombrosamente e os gatos, preguiçosamente estirados, nos demonstram que, melhor do que os homens, comprehenderam a felicidade.

Em todos tem o verão influencia tal, que, ha trez ou quatro dias, o proprio correspondente de Lisboa para o *Primeiro de Janeiro*, politico de alto lá, em vez de escrever contra o sr. João Franco, se divertiu a commentar as fantasias d'um escriptor hespanhol, que no jornal *Al Rededor del Mundo* conta façanhas de El-rei, sr. D. Carlos. Elle prendêra um assassino, elle salvára uma creança prestes a afogar-se no caneiro de Alcantara, elle saltára d'um camarote á praça de toiros e livrára da morte um toireiro. Uma imaginação d'estas é que eu queria ás vezes, quando o assumpto falha e nos falha o santo, portector dos chronistas, se algum vive na côrte do céu.

O tempo, apesar de quente, continua maravilhoso, e isso ajuda muito ás boas disposições do espirito.

Já lá vai o S. João, que foi, como sempre, muito bulhento em Lisboa. Confesso que não tenho grande predileção por estes dias santos cá na cidade. Nunca fui dos que comprehendem o barulho a fazer parte da alegria. E outra coisa não

Chronica Occidental

Será porque o livro de João Chagas nos poz de bom humor? Se uma boa digestão, se umas horas bem dormidas, tem em nós influencia tamanha, que seria de admirar que linhas cheias de graça desanuviassem o nosso espirito?

Um nada ás vezes nos altera as boas ou más disposições em que andamos. Quanta vez, um pensamento alegre em que vamos enlevados, um maçador, que se nos depara no americano e que, por mal entendida civildade, vem sentar-se ao pé de nós, tem a habilidade, em poucos momentos, de ir transformando-o n'um como que pesadêlo, tanto o coração se nos aperta, tanto a secca nos faz dar voltas no estomago o café com leite e as torradas.

Um bom ou mau humor está muita vez em nossa mão. Basta, ás vezes, um bocadinho de talento para saber fechar os olhos e tapar os ouvidos na occasião oportuna. Uma sã philosophia, de mistura com uma prudente hygiene, manda-nos sobretudo fugir, quanto possivel fôr, ás coisas irritantes.

Ah! quando isso pode ser, quando não entra nos assumptos de obrigação para o chronista, o archivar n'umas linhas, que levam meio minuto a ler mas quartos e quartos de hora aborrecidos a escrever, factos e commentarios que não interes-



TIRO NACIONAL — GRUPO DA UNIÃO DOS ATIRADORES CIVIS PORTUGUEZES
(Cliché Benoliel)

ouvi durante toda a noite na Praça da Figueira e seus arredores senão toques de corneta, guitarras desafinadas, cantigas mais desafinadas que as guitarras, e muito berro. Um ou outro vulto, sim, mas muito raro, de varina elegante, e, não fôra isso, não haveria para os olhos uma distração apenas.

Em muitos pontos da provincia é que são bellos estes dias santos, sobretudo n'aquelles em que homens e mulheres teem o instincto musical.

S. João é sobretudo do Alemtejo, e, em volta dos mastros ou das fogueiras, que lindas cantigas se ouvem, que uma dança lenta vae a compasso acompanhando! E' a noite mais curta do anno, mais cheia de poesia; ninguém a dorme, que é preciso de madrugada estar na fonte. O rancho lá vae todo, e em cada bocca de cantador ou vivo olhar de rapariga, há tanta alegria como na aurora que vem nascendo.

Entretanto Lisboa tem feito sua diligencia para sahir da monotonia e alguns homens bem inspirados procuram tornar falladas suas festas. Vão acertando por tentativas; o caso é não desanimar. Já os promotores das festas de junho viram muito applaudidos certos numeros do seu programma. Para o anno já sabem com o que mais podem contar.

As tricanas de Coimbra, que tamanho exito obtiveram em Lisboa a primeira vez que aqui vieram, outra vez voltaram, e nos festivos do Passeio da Estrella novo triumpho as acolheu em suas danças e cantigas encantadoras.

Foi aquelle passeio o refugio dos lisboetas, agora que tão poucos theatros estão abertos. Além das tricanas, chamaram também muito publico os concertos da Tuna Commercial e os exercicios de natação, no lago, pelo sr. Oliveira e Souza.

O Grande Club de Lisboa continua trabalhando para combater, quanto possa, a monotonia da cidade durante estes longos mezes de verão. Já deu, na sala do Palacio Foz, onde está instalado, principio aos saráus, para distração dos socios e de suas familias. Iniciaram-se estas distrações na quinta feira 28. Tocou um optimo quinteto e figuraram no programma do concerto os nomes de Delphina Victor, Dolores Rentini, Francisco d'Almeida, Armando de Vasconcellos, Raphael Salvaterra e Carlos Vianna.

Os da propaganda de Portugal não podem ver senão com muito bons olhos todos os esforços que particularmente se estão fazendo para transformar Lisboa, de fórma que ella se torne digna do seu nome de grande capital.

No dia 21 sahíu da estação do Rocio com destino a Paris o primeiro *Sud America express*, devido aos esforços da Propaganda. Compunha-se o comboio de uma machina, fourgons, uma caruagem restaurante e tres salões, um que seguia para o Porto e dois que levavam os passageiros até França. Houve á sahida uma grande salva de palmas.

E' preciso não abandonar o assumpto. Tanto em Hespanha como na Argentina, onde é numerosissima a colonia hespanhola, pensa-se muito em modificar os portos de Cadix e de Vigo, por fórma que qualquer destas cidades se possa transformar em terminus favoravel de navegação entre a Europa e a America do Sul.

São dignos do maior elogio os patriotas que assim souberam lutar pela prosperidade da nossa terra. Merecem especial menção os srs. Fernando de Sousa, distincto engenheiro director das linhas do sul, Antonio de Oliveira Bello, Jayme Victor, Mendonça e Costa, e André Leproux, actual director da Companhia Real, que, apesar de francez, se mostra empenhadissimo por todos os progressos de Portugal.

Realizados os projectos de adaptação dos terrenos em frente da alfandega ás necessidades d'esta para melhorar seus serviços, todas as comodidades serão offerecidas aos passageiros.

Chegam geralmente os grandes transatlanticos ao Tejo na quarta feira; por isso foi escolhida a quinta feira para o comboio agora inaugurado. Poucas horas se demoram os viajantes em Lisboa, mas sempre nos darão tempo para abraçar algum dos amigos que do Brazil aqui cheguem, e agradecer-lhes tantas provas de amizade que d'elles, lá tão longe, recebemos sempre.

Grato é recordal-o, e ainda bem que boa occasião se nos offerece agora.

Voltou ao Tejo a canhoneira *Patria*. depois da sua muito longa viagem pelos portos brasileiros. A colonia portugueza abriu a subscrição para que fosse construída, era dever nosso inandal a primeiro ao Brazil. Por toda a parte foi recebida com entusiasmo e com entusiasmo fala ainda a guarnição d'aquella successão de festas em que officiaes e marinheiros andaram.

Nova occasião tiveram agora os do Brazil para ser amaveis conosco. E foram-o e muito quando Eduardo Brazão no theatro Apollo do Rio de Janeiro se apresentou representando o *Marquez de Villemér*. Todos os jornaes do Rio descrevem essa noite como de grande festa e tecem os maiores elogios ao desempenho da peça.

Dias depois, estreou-se a Angela Pinto, mas ainda os jornaes não chegaram que se referem a essa estreia; dizem, porém, telegrammas que foi muito festiva.

E por aqui tanto ar turvadissimo em coisas de theatro. ! Veremos o que succede.

JOÃO DA CAMARA

AO CENTENARIO DE BOCAGE (*)

Pelo seculo teu não entendido,
Pela inveja mordaz abocanhado,
Sempre ás tuas paixões avassallado,
Sempre pela miseria perseguido,

D'este mundo, inda mal! desilludido,
Depois de tão formoso o haver sonhado,
Já descrente do amor e do teu fado,
Bocage, á dor cedias succumbido;

Mas ouves uma voz: segue o teu norte;
Es grande; o genio teu nunca definha;
Grande, maior serás, depois da morte.

É Filinto que a gloria te adivinha.
E surges, bradas: desafio a sorte;
«Zoilos, tremei; posteridade és minha.» (1)

RAMOS-COELHO

1905 — 17 de Dezembro.

(1) Bem conhecido verso de Bocage.

(*) Este soneto foi recitado em Setubal, nas festas do Centenario de Bocage, por Manoel Maria Portella, a quem a morte arrebatou ha pouco.

Estava inédito e foi-nos cedido pelo autor para o publicarmos no OCCIDENTE, onde será lido com agrado, como uma das mais bellas produções poeticas que se apresentaram por occasião do Centenario de Bocage.

A REDACÇÃO

O cruzador argentino «Buenos Ayres» no Tejo

Visitou nos ultimos dias o porto de Lisboa o cruzador argentino *Buenos Ayres*, um magnifico navio construido em Inglaterra no anno de 1896, pela casa Armstrong & C.^a

E' de 4:700 toneladas; tem 123 metros de comprimento e 14 de largura com 7 de frontal e 5^m,79 de callado. As suas machinas são da força de 17:000 cavallos e a velocidade de 23 milhas. Bem guarnecido de artilheria e com 479 homens de tripulação.

E' este o magnifico vaso de guerra que tem estado no Tejo e de que é commandante o sr. Gregorio Aguerriberry, antigo official da marinha argentina e que já em tempos visitou o nosso porto e cidade, de que ficou muito agradado, e agora mais ainda com os incontestaveis melhoramentos que a capital tem soffrido.

Ainda que as relações de Portugal com a Republica Argentina datem de muitos annos, é certo que o commercio com aquella republica tem sido de pouca importancia, e só nos ultimos tempos se tem empregado alguns meios para o augmentar e estreitar mais essas antigas relações.

Um dos pontos mais importante d'essas relações é o que ultimamente mais discutido tem sido sobre os paquetes da Republica Argentina tocarem em Lisboa como porto terminus, desembarcando aqui os passageiros que se dirigem para a Europa. Felizmente esta pretensão está em via de alcançar resultado satisfactorio, com o que muito terá a lucrar o commercio de Lisboa.

A visita do cruzador *Buenos Ayres* n'este momento, desperta um maior interesse e tem maior importancia para o estreitamento de relações entre os dois paises.

Aproveitando essa visita do cruzador argenti-

no, a Sociedade de Propaganda de Portugal, no seu louvavel empenho de attrahir quanto possível os estrangeiros ao nosso pais, convidou o commandante e mais officialidade do *Buenos Ayres*, para um banquete no Hotel Braganza o qual se realisou no dia 28 do corrente, banquete que esteve bastante animado e em que se trocaram brindes pelo estreitamento de relações entre Portugal e a florecente Republica Argentina, levantados pelos srs. conselheiro Fernando de Sousa, D. Jacinto Villegas, encarregado de negocios, commandante Aguerriberry, Mendonça e Costa, dr. Cunha e Costa, dr. Magalhães Lima, etc.

Na manhã d'esse dia houve a bordo do *Buenos Ayres* uma *matinée* a que concorreram muitas senhoras da primeira sociedade assim como cavalheiros, e a que assistiram tambem os srs. ministros da marinha conselheiro Ayres de Ornellas e dos estrangeiros conselheiro Luiz de Magalhães, como se vê no grupo que publicamos reproduzido de um instantaneo do sr. Benoliel.

Foi uma festa animadissima que teve todos os encantos de uma diversão no Tejo por um dia de verão, e dos extremos de amabilidade com que o illustre commandante e officialidade do *Buenos Ayres* receberam os convidados.

Realçaram a festa com sua presença as sr.^{as} D. Helena Hamilton Fialho, D. Sarah Fialho, condessa de Bois d'Aische, madame Paim de Bruges, D. Guadalupe de Castro, D. Thereza e D. Maria da Conceição Calheiros (Guarda), madame Grimaud, secretaria de França; madame Chancelleiros, D. Isabel O'Neill, D. Bertha Ramos, D. Julia e D. Henriqueta Seabra de Castro, condessa de Tarouca e filhas D. Eugenia, D. Thereza e D. Margarida; D. Leonor Lima Mayer, madame Plantier e filhas D. Jane e D. Angelina; D. Esther Amzalack, D. Mathilde de Aguiar, D. Christina Roquette e filha, mademoiselle Guamá (Werm), D. Maria Andrade, D. Branca Ferreira Pinto Basto, D. Conceição e D. Maria José Casal Ribeiro, D. Josephina Ribeiro da Cunha, marquez de Guell y Bourdon, etc.

TIRO NACIONAL

OS TORNEIOS D'ESTE ANNO NA CARREIRA DE TIRO DE PEDROUÇOS

De todas as instituições patrioticas a mais sagrada e importante é, sem duvida, a do *Tiro Nacional*.

Ao tributo de sangue, a que todo o cidadão está sujeito, pôde facilmente eximir-se quem se não sente com coragem para arcar com os determinados deveres que, temporariamente, exigem a ordem e a disciplina da legislação marcial. No nosso paiz é apenas uma questão de dinheiro ou mesmo de influencia politica.

O que não pôde tão facilmente obter-se é um defensor habil que nos auxilie ou secunde no momento em que os nossos bens correm risco. E, note-se que, o maior bem do bom e dedicado cidadão não é o seu capital pecuniario, não são as suas propriedades particulares, mas sim cada palmo de terreno que a ambição das nações mais poderosas muita vez tenta extorquir em proveito proprio.

Por isso todo o cidadão que se prese deve saber manejar uma arma para, no momento de perigo, defender dignamente essa triologia sublime que se chama: *Patria, Familia e Independencia*.

Por isso, em tres dias consecutivos, nós tivemos occasião de admirar, na Carreira de Tiro da Guarnição, um punhado de atiradores que, no momento de perigo facilmente se converteria em uma legião de heroes, obstinar se na conquista d'um premio, ou simples medalha, mostrando a sua pericia, dando exemplos de abnegação civica.

Os premios que eram valiosos objectos de arte, se exceptuarmos o pecuniario do *Grupo Patria*, foram disputados por diferentes collectividades de tiro e atiradores independentes de Lisboa e da provincia.

O 1.^o, offerta de S. M. El Rei, assim como a medalha de oiro do Campeonato, couberam ao sr. Heitor Ferreira.

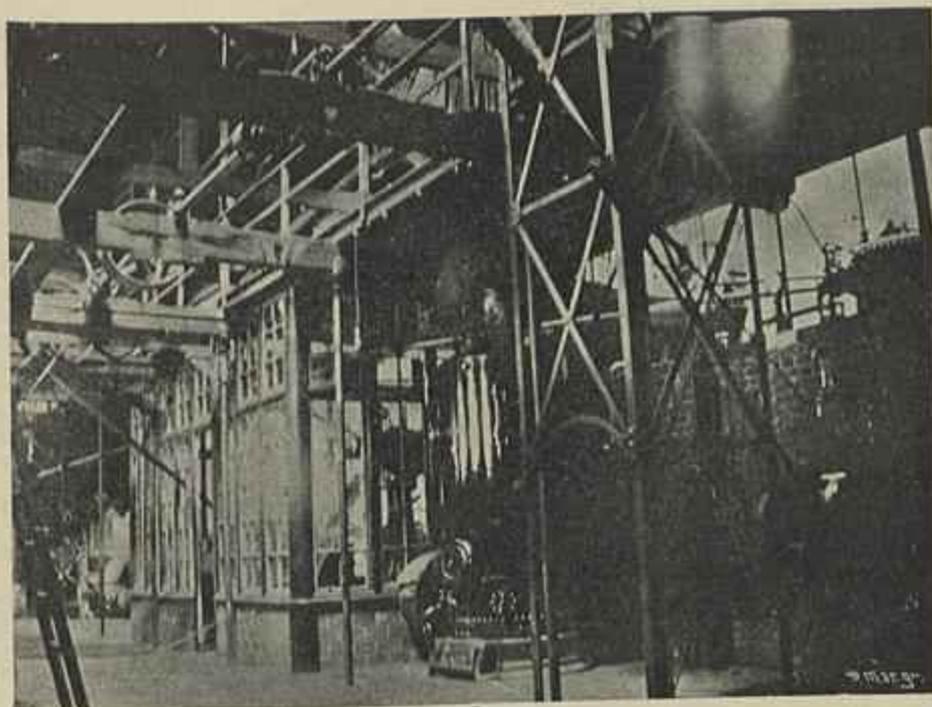
O 2.^o, offerecido pela Camara Municipal de Lisboa, coube ao sr. Augusto Ferreira Pinto Basto.

O 3.^o, do Ministerio do Reino, ficou pertencendo ao sr. Antonio Brandão de Mello.

O 4.^o, do Ministerio da Guerra, ao sr. Adolpho Ferreira Lima.

O 5.^o, do Ministerio da Marinha, ao sr. Domingos Alvares da Cunha. Este atirador obteve tambem o premio *Cunha Bellem*, instituido este anno pela benemerita sociedade *União dos Atiradores Civis Portuguezes*.

INDUSTRIA PORTUGUEZA — A Fabrica de Chocolate Iniguez



CALDEIRAS DE VAPOR E OFFICINAS DE TORREFAÇÃO

O 6.º, da *União dos Atiradores Civis Portuguezes*, ao sr. José Antunes d'Oliveira.

O 7.º, da Direcção Geral da Arma d'Infantaria, ao sr. José Honorato de Mendonça Junior.

O 8.º, do *Grupo Patria*, ao sr. Alfredo Lopes d'Azevedo.

O 9.º, da Escola Pratica d'Infantaria, ao sr. Otto Stoken.

O 10.º, do *Grupo Suisso*, ao sr. Carlos Baeta, alumno da Casa Pia.

Foram ainda distribuidos alguns premios de 100 e 60 cartuchos acompanhados de medalhas de prata e de cobre a diferentes atiradores que tiveram menor percentagem de tiros. Aos atiradores militares distribuiram-se tambem alguns premios pecuniarios, offerecidos pela *União dos Atiradores Civis Portuguezes*.

No *Campeonato*, por grupos, foram classificados: *Grupo Patria*, *Atiradores Civis de Coimbra* (4.ª filial da *União*), *União dos Atiradores Civis Portuguezes*, *Atiradores Civis de Vizeu* (filial da *União*), *Independentes do Porto*, de *Leiria* e de *Setubal*.

El-Rei assistiu ás provas d'este *Campeonato*, interessando-se muito pelos resultados obtidos em diferentes grupos. Em seguida ao *Campeonato*, S. M. acompanhado pelo jury e toda a officialidade que tinha assistido a estas provas, dirigiu-se para a sala onde os premios estavam expostos, distribuindo-os aos interessados.

O terceiro dia foi consagrado para o *Torneio da Taça D. Carlos I* em que ficou vencedor o sr. Antonio Brandão de Mello, que será o terceiro atirador com o nome inscripto na preciosa *Taça*.

A gravura que hoje reproduzimos compõe-se apenas de socios da *União dos Atiradores Civis Portuguezes*.



INDUSTRIA PORTUGUEZA

A FABRICA DE CHOCOLATE INIGUEZ

Com justiça se póde incluir na secção da *Industria Portuguesa*, ha tempos inaugurada n'esta revista, a *Fabrica de Chocolate Iniguez*, a cujos productos nos referimos ligeiramente em o n.º 983, quando tratámos da *Exposição Colonial*, na *Sociedade de Geographia*, a que esta fabrica concorrera, e prometemos voltar mais detidamente ao assumpto de todo o ponto digno da maior attenção.

Por 1888 foi que conhecemos o sr. Antonio Joaquim Iniguez quando se propoz a apresentar na *Exposição Industrial Portuguesa*, realisada esse anno na *Avenida da Liberdade*, os productos da sua fabrica de torrefacção e moagem de café, e para o que demandava a nossa collaboração artistica.

Tinha então o sr. Iniguez estabelecido a sua fabrica havia dois annos em uma casa da travessa das *Mercês*, junto á velha egreja do mesmo nome,

casa difficilmente apropriada ao effeito, e com os modestos recursos de quem intenta uma industria com pequeno capital.

Mas se ao sr. Iniguez lhe faltavam então os recursos monetarios para um maior desenvolvimento da sua industria, sobravam-lhe intelligencia e vontade de trabalhar para proseguir na sua idéa e chegar onde era seu intento.

Na referida exposição de 1888 já os seus productos de torrefacção e moagem de café foram vantajosamente apreciados obtendo uma medalha d'ouro; isto porém, era apenas o inicio para maior committimento, e não tardou que o sr. Iniguez alargasse a sua industria, estendendo-a á fabricação de chocolates e de cacau pulverizado, para o que tinha materia prima nacional, produzida especialmente na provincia de S. Thomé e Príncipe.

O fabrico de chocolates no pais era ainda muito imperfeito, desconhecendo-se até o emprego de certos machinismos para o seu aperfeçoamento.

Com muito estudo e trabalho o sr. Iniguez devesse os segredos da fabricação dos chocolates finos como os melhores fabricados no estrangeiro.

Soubes das melhores machinas que para esse fim se empregavam, adquiriu-as, e, no terreno que hoje tem, os n.ºs 2 a 40 na rua D. Carlos I

estabeleceu a sua fabrica ampliada, e que em cada dia va augmentando em produção e em creditos justamente adquiridos.

Eis resumidamente a historia da *Fabrica de Chocolate Iniguez*, que ha dias tivemos o prazer de visitar por amavel convite de seu proprietario, que nos informou com verdadeiros conhecimentos theoreticos e praticos do fabrico dos chocolates e do cacau em pó, o qual é bastante complexo para chegar á fineza dos productos que esta fabrica apresenta.

Ali tem machinas para todas as operações que o cacau sofre, desde a debulha e apartamento da casca e do germen amargo que o cacau contém, até que reduz a pó finissimo, ou á massa de chocolate das diferentes qualidades em que se conta os finissimos e agradaveis bombons com creme, etc.

Uma das especialidades mais apreciaveis d'esta fabrica é o cacau de *Porto Cabello*, conhecido como o primeiro em qualidade pela fineza e excellente paladar, alem de ser muito nutritivo, facilmente digerivel, e de grande utilidade para as creanças e pessoas fracas, recommendando-se tambem para viagem pela commodidade de transporte e facilidade de o preparar.

Pelo que respeita aos chocolates em pau não é menos esmerado o seu fabrico, sendo de dois sistemas: os de primeira qualidade ou fabricados só com chocolate e assucar, e os de segunda qualidade em cuja composição entra a farinha de trigo, o que se declara no respectivo envolucro.

Quaesquer d'estes productos competem vantajosamente com os similares estrangeiros das melhores marcas. *Menier*, *Suchard*, *Mariondo*, *Garrigou*, etc.

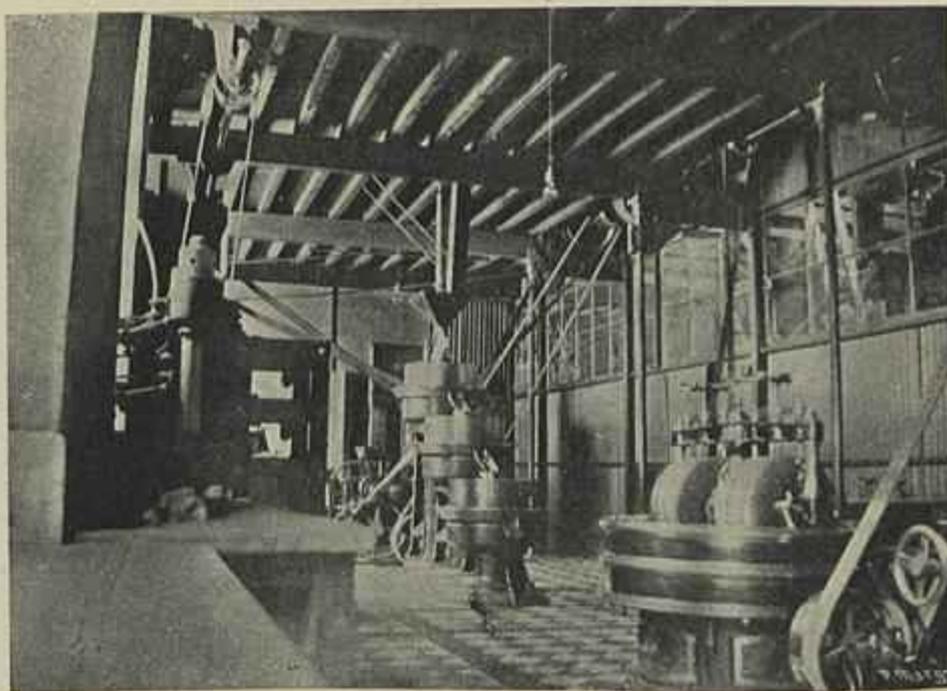
Os chocolates Iniguez não tem perfume ou só tem o da baunilha ou da canella, a gosto do consumidor.

Vimos tambem um outro producto, que o sr. Iniguez denominou *Cakula Iniguez* e que se compõe de cacau, noz de kola e assucar, constituindo um alimento reparador e ao mesmo tempo excitante, proprio para as pessoas anemicas, de constituição debil tendente á tuberculose, e que é suportado pelos estomagos mais enfraquecidos.

Ainda um outro producto obtém o sr. Iniguez da sua fabrica o qual é a extracção da manteiga do cacau, producto utilizado na pharmacopeia e que era importado do estrangeiro.

O sr. Iniguez ponde, por um trabalho aturado e insistente, vêr a sua primitiva fabrica de torrefacção e moagem de café das colonias portuguezas e do Rio, ampliada, attingindo as proporções de um estabelecimento modelar no genero, que tem a grande significação do quanto póde a iniciativa e o trabalho intelligente applicado a uma industria inteiramente nacional, pois que em primeira mão tem no pais a materia prima de que carece.

Esta circumstancia é importante, não só para



OFFICINA DO CHOCOLATE, MOAGEM DO CACAU

INDUSTRIA PORTUGUEZA — A Fabrica de Chocolate Iniguez



EXPOSIÇÃO E EMPACOTAMENTO

a implantação d'esta industria no país, mas ainda para concorrer em perfeição e preço com os productos similares estrangeiros, que importam a materia prima das nossas colonias, especialmente a Allemanha.

A superioridade dos productos da fabrica Iniguez não só está comprovada pelo consumo que o publico lhe dá como pelos premios alcançados nas exposições nacionaes e estrangeiras a que tem concorrido, principiando pela medalha de ouro na exposição da Avenida de 1888, a que já nos referimos, a de S. Miguel (Açores) 1901, *Grand Prix*, com cruz e medalha de ouro na Ex-

posição Internacional de Londres de 1903, e na Exposição Universal de S. Luiz de 1904.

Na Exposição Colonial da Sociedade de Geographia foi-lhe agora conferida uma medalha de ouro.

A *Chemiker-Zeitung* (Gazeta dos Chemicos) que se publica em Leipzig, insere em seu n.º 33 de 25 de abril d'este anno um artigo sobre a Exposição Colonial de Lisboa, em que se encontra a seguinte referencia á Fabrica Iniguez.

«Entre os productos da industria do cacau, os chocolates e cacau em pó fabricados pelo sr. Antonio Joaquim Iniguez, segundo o systema hol-

landez com machinas allemãs, apresentam um elevado grau de perfeição.»

Resta-nos fazer uma breve descripção das installações que visitámos.

A fabrica occupa, como dissemos, um extenso edificio com os n.ºs 2 a 40 para a rua D. Carlos 1 e o n.º 266 para a rua 24 de Julho.

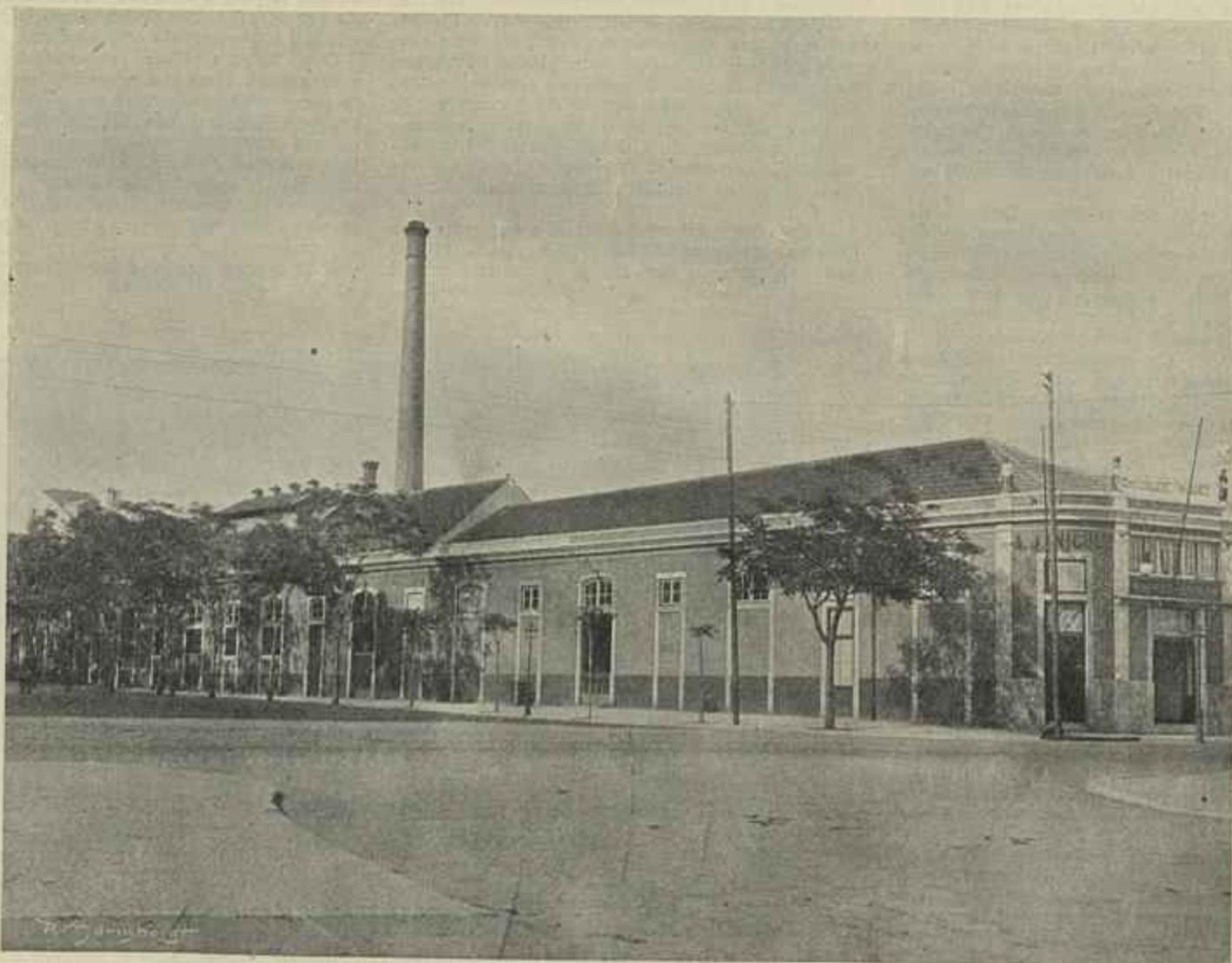
Entrando, á esquerda, é o escriptorio, onde as filhas do sr. Iniguez se occupam na escripturação da fabrica. Este escriptorio occupa um relativo pequeno espaço tirado ao grande armazem que precede as officinas e onde estão em exposição os bellos productos da fabrica e se faz o empacotamento dos chocolates e do café, com machinismos apropriados e em que se empregam mulheres. Ao fundo é a officina de emballagens e onde são encaixotados os productos que a fabrica exporta para o continente do país, especialmente o Porto, onde tem um deposito na rua do Almada 431, para os Açores e Africa.

A este armazem seguem-se as officinas onde a variedade de machinas movidas á vapor estabelece o grande movimento que surprehende o visitante.

Á direita destaca-se logo o elevador mechanico que conduz ao pavimento superior, algumas das materias primas, entre as quaes o café que é d'ali transportado automaticamente para os torradores; o granulador da chicoria, e a officina para extracção da casca, limpeza e desgerminação do cacau.

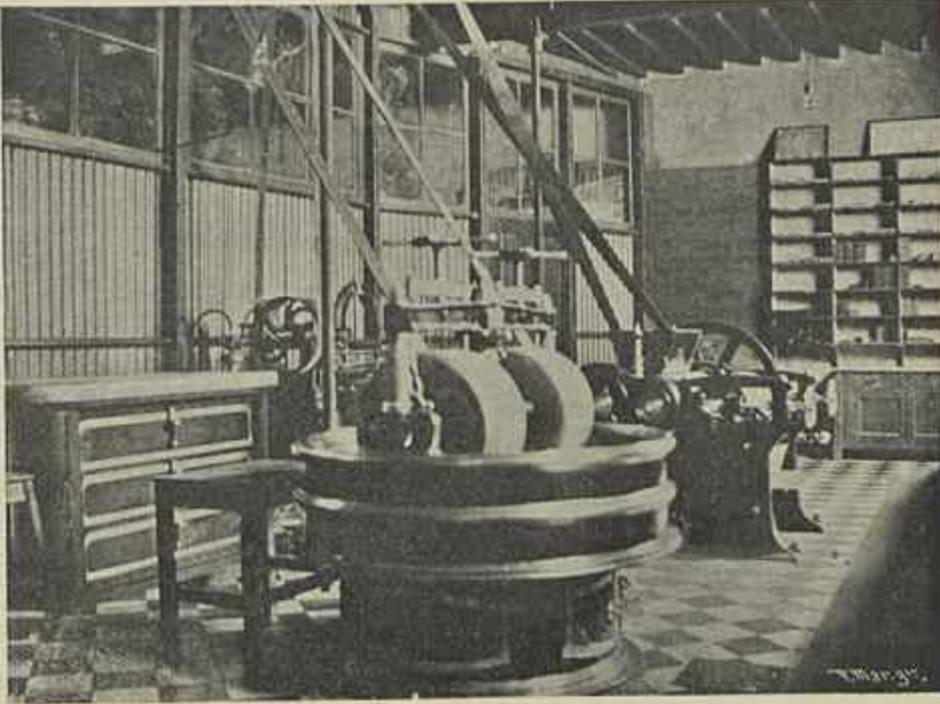
Na mesma direcção ficam: a casa das caldeiras, uma ingleza, outra da casa Peres, por systema de embolidores; a casa das machinas de vapor, uma de 20 cavallos, outra de 50 e o dynamo para a producção da luz electrica, com a força de 110 volts e 82 ampères; e, finalmente, a officina de torrefacção, onde se encontram funcionando tres torradores para café, um para cacau, do systema Lehmann, e uma estufa grande para secagem da chicoria.

Á esquerda, ficam: uma ventoinha de grande poder para o arrefecimento instantaneo do café e do cacau; e uma machina frigorifica Habould para arrefecimento d'uma camara-estufa e de tres camaras frigorificas no sub-solo, com diferentes



VISTA EXTERIOR E GERAL DA FABRICA DE CHOCOLATE INIGUEZ

INDUSTRIA PORTUGUEZA — A Fabrica de Chocolate Iniguez



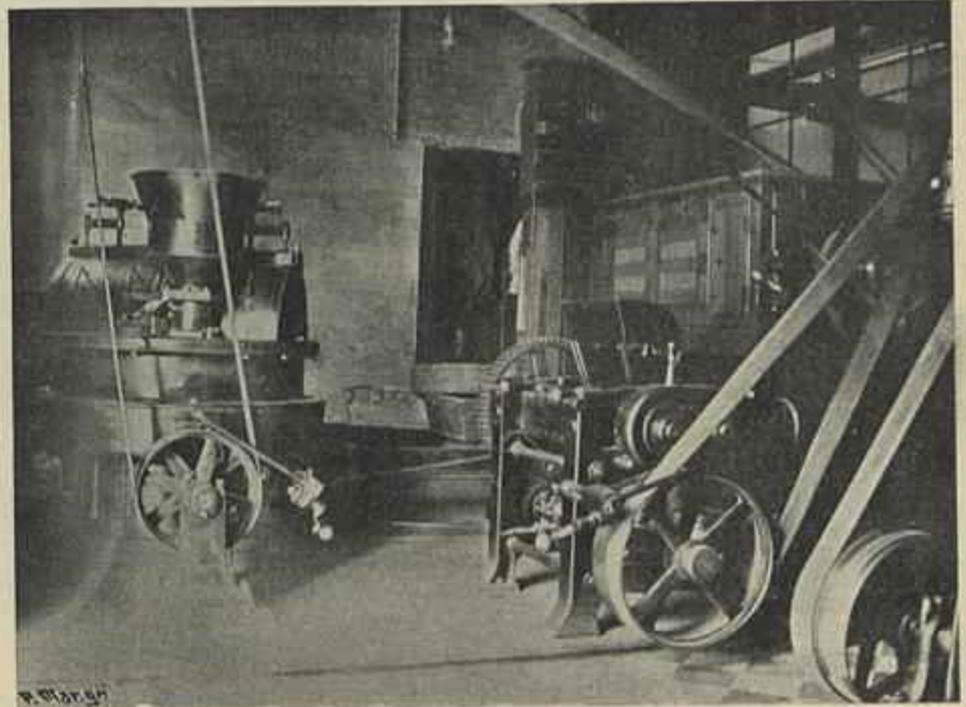
OFFICINAS DO FABRICO DE CHOCOLATE

gradações de temperatura, também para as diferentes qualidades de productos, podendo baixar-se a atmosphera a cinco graus abaixo de zero. Esta machina trabalha com acido carbonico á pressão de 60 atmospheras de pressão e 25 de reacção.

Seguem-se-lhes as officinas de bonbons com diferentes moldes e a respectiva estufa, e a officina de moagens diversas onde ha dois cyclones, dando um 5:200 voltas por minuto, e outro, 3:600 voltas; machinas para moagem de linhaça e mostarda, moinhos para café, para pimenta, canella, etc.

Depois entra-se na officina de chocolate uma das mais interessantes. Vêem-se ali entre outros os seguintes apparatus, tudo pelo systema Lehmann: um moinho triple; um deposito para cacau moído, conservando-se sempre em calda, em virtude da temperatura; um misturador; uma machina grande, de cylindros, para aperfeiçoamento das massas do chocolate; um apparatus para extrahir a humidade do assucar; uma estufa grande e uma estufa pequena, destinadas a graduarem a consistencia das massas; uma machina para extrahir o ar ás mesmas, evitando que no acto da solidificação se apresentem com buracos; uma bateadeira automaticamente e diferentes fórmulas.

Na officina do cacau, que lhe fica annexa vêem-se: uma prensa hydraulica a 75 atmospheras de pressão para extrahir a manteiga do cacau, uma machina de cylindros dentados para a trituração dos grandes bolos de cacau, que, com a extração



OFFICINAS DO FABRICO DO CACAU EM PO

produzindo, e a que também tem dedicado seus filhos, dos quaes duas interessantes meninas desempenham as funções de guarda-livros, coadjuvadas por seu irmão o sr. Manoel Antonio Iniguez, um excellente rapaz trabalhador e activo, a quem seu pae agora premiou dando-lhe sociedade na fabrica, ficando a firma constituída por A. J. Iniguez & Iniguez.

—*—
LUZ

Sit-Luz

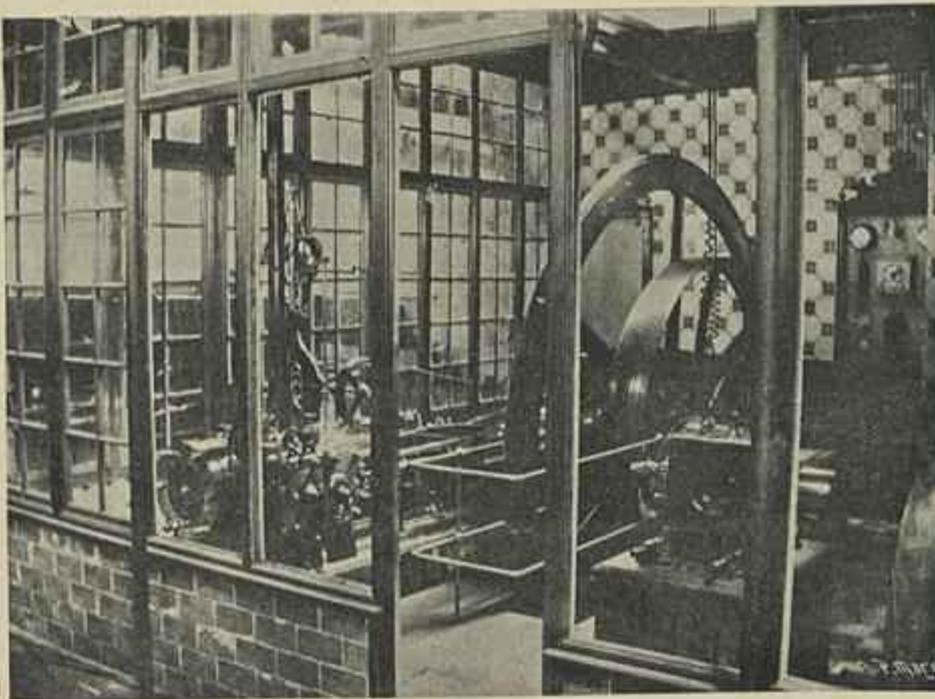
Na destriça das coisas consiste, em regra, as dificuldades grandes.

O panorama do Universo, esta maravilha de contrastes, este conjunto de surpresas que, quasi, parecem illusões de caleidoscopio, é bello; e, entretanto, nada se apreenderia, quer nos seios do macrocosmo, quer nos seios do microcosmo, se não houvera de permeio um fio condutor, facultando a visão dos quadros no cenário incomparavel.

E' que, conforme se exprimiu Antonio Cabreira em conferencia levada a efeito no Real Instituto de Lisboa, na noite de 9 de março de 1903: «A luz dá nos a visão de fulgurações que se alcançaram nos espaços, de encantos que offerecem os mares, de matizes que compõem a pa'sagem.»

E não dá só isto, dá também, por miseria nossa, a visão de sangue no horror do crime!

O que é, porém, a luz?



CASA DAS MACHINAS A VAPOR E DYNAMO,

Eis-nos a braços com a destringa, isto é, no oceano pavoroso do difícil.

Aqui, até chega a ser o empenho baldado e a curiosidade pouco menos do que inútil.

Cabe no momento actual em nossas forças o registo das emanações de claridade, que enriquecem a Natureza e opulentam a pupila humana, mas não cabe o penetrar-lhe a essência, pondo-a a nu por palavras, ou por letras.

Pina Vidal, no anno de 1882, em compendio aprovado para o ensino secundario, explicou-se assim: «Não é fácil definir a luz, como não o é definir o calor. Podemos dizer comtudo, que a luz, é a impressão particular, transmitida ao orgão visual pelos objectos proximos ou distantes, a qual se comunica ao cerebro e nos faz conhecer a presença d'esses objectos.»

Não ha muitos meses ainda, em *Noções preliminares de sciencias naturaes*, disse o medico Bettencourt Ferreira: «A luz é o agente que nos faz perceber por meio dos olhos os objectos que nos cercam.»

Fica satisfeito o espirito com semelhante desenvolvimento de caracteres? «impressão particular» — «agente» — fio condutor, saciam neste ponto a sede de saber, que domina o homem desde o berço ao tumulo?

«A luz, sustentou Azevedo Neves no primoroso e substancioso discurso que na Sociedade das Sciencias Medicas pronunciou em honra de Finsen, o venerando benemérito dinamarquez, já falecido, a luz exerce uma acção geral sobre o organismo, a luz é um tonico e um excitante, convindo ensaiar-a no tratamento das doenças geraes.»

Que riquissimo thesoiro de saneamento fisico e de sanidade moral.

«Abram a janella, quero luz!» ordenava o autor do *Eurico*. «Esta phrase de Herculano — proferiu Alves Mendes no pulpito do templo de Belem, por occasião da trasladação das preciosas cinzas do insigne mestre da Historia — muito parecida a outra de Goethe e ainda a outra de Laminais, esta phrase, gemida a 13 de setembro de 1877, quasi á morte do pensador, symbolisa e synthetisa toda aquella vida: ancia de saber, sede de luz.

«Luz! quanto é alma e bella, quanto é grata e boa, a luz! O que seria o mundo sem este fluido prodigioso que tudo alegra e fecunda, que tudo aquece e desabrocha, que tudo colore vivifica? Um horror inconcebível, um cahos espantoso, a treva congelada, a treva insondavel por sobre um abysmo sempiterno. E de que valeria esse hilariante fluido, embora se desprendesse d'um céo diaphano e se reflectisse n'um mar de anil, se elle não ferisse a pupilla do homem, se não banhasse a humana fronte? De nada, de quasi nada. O ondear do fino ether ou o fulgir do rico astro perder-se hiam afinal na vastidão do planeta que á sua vez ficaria sendo, quando muito, um livro sempre selado, um proscenio sem actores.»

Tão suave e deliciosa musica do inspirado verbo de quem foi principe da oratoria sacra neste pais do occidente, deveras constitue uma definição de luz credora de culto.

Vamos ver agora como comprehendeu a luz, em pais de além Pireneus, na patria de Luiz xv, o immortal Michlet numa pagina cintilante que a seguir transcrevo do volume inimitavel *A ave*: «Luz! mais luz ainda! — Tal foi a ultima palavra de Goethe. Esta palavra do genio moribundo, é o grito geral da natureza e ecoa de mundo em mundo.

O que dizia este homem poderoso, um dos primogénitos de Deus, o repetem no fundo dos mares os seus filhos mais humildes, os menos adeantados na vida animal, os moluscos; eles não quem viver onde a luz não alcança. A flor quer a luz, volta-se para ella, e sem ella murcha. Os nossos companheiros de trabalho, os animaes, regozijam-se ou affigem-se conosco, segundo ella brilha ou se extingue. O meu neto que tem dois meses chora logo que o dia declina.»

Houve quem confundisse o sol com a luz, e ha por ventura nesta hora que decorre; mas tal erronea interpretação do fenómeno maravilhoso não perdura em mente capaz de reflectir sobre o valor e o acerto das seguintes linhas de Jean d'Estienne, no livro celebre — *Como se formou o Universo*: e a propria natureza, quer pelo fulgor do raio, quer pelo esplendor das auroras boreaes ou austraes, encarrega-se de ensinar-nos que o principio da luz é, em si, independente dos raios do sol.»

Este astro é sem duvida a principal das origens da luz, mas não a mesma luz, por isso que equal-

mente são fontes de luz as estrêlas, os comêtas, a combustão, o calor, a electricidade, as fosforescencias, o radio, soberbo pedestal da gloria nitentissima dos esposos Curies.

«Vida e luz! Como fazer compreender diferentemente do que na divina linguagem da poesia, exclamou o finado eminente sabio Amédée Guillemin ao encetar o primeiro capitulo de sua obra *A luz e as cores*, a correlação intima destas idéas sempre associadas no pensamento humano desle a mais remota antiguidade até nós?»

Hoje, está provado cientificamente o mérito de influencia real da luz na esfera da vitalidade animal e vegetal, e tem-se verificado que numerosos microbios maléficos não podem suportá-la.

As plantas, a cuja vida é indispensavel a clorófila, materia verde que colore as folhas e os rebentos, nem sequer existiriam sem a luz, á custa da qual é formada a aludida clorófila.

Na produção academica *A Botanica*, pelo professor francês J. L. de Lanessan, lê-se, no capitulo quarto, paragrafo segundo: «os seres vivos providos de clorófila são suscetíveis de fabricar, quando expostos á luz, materias organicas, com



JOSÉ AUGUSTO COELHO

o auxilio de drincipios immediatos puramente inorganicos tomados no solo e na atmosfera, enquanto que os seres vivos desprovidos de clorófila, não gosando da propriedade indicada, são obrigados a alcançar as materias organicas necessarias a sua nutrição, quer directamente nos seres providos della, quer nos que se alimentam destes ultimos.»

Feiticeira misteriosa, soberana dea, assombrante encanto de velocidade (setenta e sete mil leguas num segundo), alfa e omega creadores na delirante sinfonia das belas-artes, julgo assistir-me rasão para afirmar que o mesmo sentimento moral carece de ti para afinar-se e que as proprias lagrimas da dor quando rolam e deslisam em nossas faces aflitas secariam, estereis, sem o condão sublime da tua májica incidencia reflectora!

O privilegiado centro duma civilisação excelsa, a Grecia antiga, onde, no dizer de Arbanère, na *Analyse da historia asiatica e da historia grega*, tomo segundo, — «as ciencias, as letras e as artes germinam sob os raios abundantes dum sol puro» — a Grecia, deveu imenso á luz brilhante e inspiradora do seu céo.

«Na Grecia, escreveu o illustre Ampère no admiravel trabalho *A Grecia, Roma e Dante*, a noite tem tambem a sua luz.»

Na pagina precedente, escreveu o referido autor, ha muito adormecido no sono da morte:

«Esta luz inexpremivel da Grecia tudo embelesca; não seria excessivo asseverar que ella cria a paisagem: tal monte que pelo aspeito passa desa-

percebido torna-se notavel quando as tintas violaceas do poente começam a espalhar-se lhe sobre os cumes.»

Luz pois, luz sempre, luz que illumine as campinas dilatadas do espaço, acordando-nos para a contemplação de tão grandioso espetáculo, e luz recondita da alma que nos encaminhe a descortinar a travéz da luz fisica, alegria da pupila e primôr do globo, essa outra luz sem rival que se advinha no complexo dos mundos, nas leis organicas dos corpos e na ordem estopenda da Natureza, Deus!

D. FRANCISCO DE NORONHA

José Augusto Coelho

Não são vulgares no nosso meio litterario as especialidades. Neste *mare magnum* de assumptos varios que se atropelam perante a nossa attenção, que nos impressionam de todos os modos, em virtude da sempre crescente publicidade e da tendencia cada vez mais accentuada dos espiritos para a generalisação, só como raridade, aliás extremamente apreciavel, se encontra algum escriptor, que, tendo fixado as suas faculdades no estudo de qualquer ramo do saber humano, n'elle se deixa permanecer, profundando-o e desenvolvendo os conhecimentos e applicações que podem d'ahi resultar.

Dá-se esse caso com o nosso biographado, um cultor extremado das sciencias sociaes, da philosophia applicada á historia da humanidade e á sciencia da educação, que é sem duvida o nosso primeiro pedagogista, e dos mais profundos conhecedores dos assumptos sociologicos.

Seja-nos tambem licito dizer, para mais justo louvar de José Augusto Coelho, o douto e dedicado director da Escola Normal do sexo feminino de Lisboa, que na sua especialidade scientifica tem sido elle, entre nós, o mais aturado e valioso cultor.

A bibliographia portugueza só conta uma obra volumosa de pedagogia, que é a d'elle, um compendio trabalho em 4 volumes denominado *Principios de Pedagogia*. Como elemento de menor tomo tem o *Manual pratico de pedagogia*, n'um grosso volume, obra de indispensavel consulta para todos os professores; e um compendio para uso das Escolas Normaes e ainda outra obra denominada *Noções de pedagogia elementar*.

Como fundo de seus trabalhos pedagogicos já se pode considerar uma bagagem valiosa e farta, não contando ainda com um folheto de methodologia, *Ensino inicial de leitura*, que faz parte da collecção dos annaes da Academia de Estudos Livres.

Mas a pedagogia é para o nosso biographado uma applicação das sciencias sociaes, e cujo estudo se dedica com afinco.

Espirito de extrema lucidez, talento vasto e extraordinaria assimilação de todos os conhecimentos, precepção maleavel e magnificamente adaptada ás mais importantes syntheses, o illustre pedagogista deduz com passmosa facilidade os dados historicos para os concatenar com maravilhosa exacção em leis sociologicas e em principios definidos de educação social.

Ouvimos-lhe, na Academia de Estudos Livres, uma serie de conferencias sobre sociologia que nos deixaram immorredoura impressão e o mesmo aconteceria a todos os mais assistentes a essas instructivas prelecções.

A estranheza do assumpto, quasi sem cultura em nosso meio, a clareza dos conceitos, a bem architectada deducção factos, e justificação das leis efficientes, tudo foi bello n'essas conferencias que infelizmente não foram publicadas.

Mas a nossa opinião ficou formada a respeito do sociologo e do pedagogista, não hesitando em dar-lhe o primeiro logar na galeria dos escriptores que se tem dedicado entre nós a tal materia, aliás arida e... tão pouco apreciada pelo vulgo.

Como fructo dos seus estudos temos já noticia de que brevemente começará a publicação d'um importante trabalho sobre a civilisação iberica, em que o auctor nos dará uma noção clara do desenvolvimento civilizador da peninsula e mais um testemunho de seu talento.

C. S.

LITERATURA DINAMARQUESA

Em como o João foi três vezes ao cabo Horn.

POR

Holger Drachmann (*)

Chamava-se João, sendo aliás mais conhecido pela alcunha de «Mafarrico», que lhe assentava muito melhor que á fátiota, pescada a olho aos ferros-velhos e nas casas de penhores.

Vivia com o paé, comia o pão do velhote e acabava de lhe dar uso aos trapos, quando o estado destes o consentia. As suas occupações cifravam-se em brincar com o seu inseparável companheiro, e era este um cachorro, com um côto em vez de rabo, que dava pelo cognome de «Patusco».

— «Este cachorro avêza tino por dois homens» afirmava: é tão finório que não fala; quando não, soltava para ahí o chorilho de asneiras, que eu tenho feito e mais elle, e a esse respeito, o calado é o melhor.

— Deixa lá! atalhava o velhote; pois, comquanto se arreliasse e não pouco por causa do filho, apesar d'isso, não via outra coisa.

«Não faças caso. Vê tu mas é se nos contas aquellas tuas viagens ao cabo Horn — todas três.

E o ginja a piscar o olho ao filho, e o filho a piscar-lho a elle, e vae d'ahi, contava o João:

«O caso principiou assim — nada, prim iramente, tenho que lhe contar como foi que eu embarquei em Hamburgo: Cá o meu velho estava morto por se vêr livre de mim, e os outros não faziam senão prégar-me sermões, e vae eu, fiz uma jura, em como não me tornariam a ver a sombra, emquanto eu não tivesse dado a volta ao cabo Horn, três vezes, a seguir.

E vae então, abalámos de Hamburgo, e o chavêco era uma barca, e o vegete, a bordo — o capitão, venho eu a dizer — era um refinadissimo jumento.

Antes d'embarcar, apresentei-me no escritório do consignatário e l.vava comigo o «Patusco».

— E' seu esse cachorro? perguntou-me o escriturário, em alemão.

— E'! respondi eu em dinamarquês, para o servir!

E ninguem me tornou a falar no animal. Mas, assim que pusémos pé a bordo, pergunta-me o capitão:

— E' seu esse cachorro?

— Todo inteiro, respondi, e chama-se Patusco.

— Trate d'exotar o cão, e pregue com elle em terra! disse elle.

— Nicies — lá isso é que eu não faço.

E então é que foram ellas. O tempo estava damnado, e elles com muita difficuldade arranjavam gente: relé, uma cambada sem fé nem lei era o mais de que podiam lançar mão, mas, lá quanto a arrebancar tripulação decente, nem pensar n'isso so — em summa: «O Patusco lá foi ficando e mais eu, tambem.

O patrão era um burro, o contramestre um não te rales, o substituto, um meu patício; a respeito de muquideira não havia razão de queixa: que eu, quanto ao resto tanto se me dava.

O Patusco não saía nunca de ao pé do mastro da mesêna, — Espertalhão até ali. Nunca punha pé para além do mastro grande, que era por onde o capitão andava sempre a cirandar.

Assim que nos vimos no mar-alto, declarou elle que levavamos derrota para a Jamaica.

— Isso déve ficar lá para o sul do cabo Horn, indaguei eu do immediato. Tinha o beicho rachado, e a dentuça arreganhada, a luzir.

— D'esta vez não calha irmos lá, João, respondeu.

— Bem! disse eu: visto isso, digo adeus ao chavêco, que eu aonde quero ir é ao cabo Horn.

— Que remedio tens tu, senão seguir viagem!olveu elle. E vae dahi, chegamos á vista de Kingston, na Jamaica.

O vegete dentão para cá trazia-me de olho. Mas eu ia dando conta das minhas obrigações. E o Patusco dava tambem conta das suas, de modo que o vegete, nem por sombras tinha motivo de ferrar o seu pontapé no cachorro. Pois saibam que lh'o ferrou, com tudo isso, e da maneira mais patifa que pode ser, e vae eu bato as unhas a um balde, e desmancho-lhe um braço. E para ali ficou estatelado ao comprido na tolda.

— Has-de m'as pagar, deixa estar! bramava elle.

— E' para já, quando quiser ajustar contas, eu cá estou! repliquei.

Elle, pelos modos, acho que tinha falta de trócos, e vae dahi mandou botar a lancha ao mar, e remar para terra.

Salta para dentro, rosnou-me o segundo contramestre.

Vaes mas é parar ao estarm!

A lancha aportou a terra, dali a nada, e recebemos a bordo dois policias; eu cá, ficava em terra, na cadeia.

O Patusco queria ir comigo; mas os três brutamontes puseram-se a lanzoar, em inglês, que não traziam ordem de prisão para cães. De modo que o pobre bicho teve que ficar cá fóra, por mais que uivasse e que ganisse, mas o contramestre prometeu-me tomar conta d'elle, e declarou que tudo se havia de arranjar, o ponto estava em eu não rabiari de mais e não ser refilão.

— E elle, por que é que pregou um pontapé no animal? atalhei eu. O bicho, assim Deus me ajude, tem muito melhor coração do que elle, pedaço de jumento, e mais cáco três vezes!

— Tem mão na lingua e vê se estás sosegado! accudiu o contramestre.

E lá fomos navegando para terra.

Dahi a bocado dei entrada «no estarm». Era um casarão com bancos de madeira e o chão de lagedo, muito sujo: e para ahí, em montão, a mais pifia cambada de espanhoes, ingleses e de mulhero, em que eu me tinha visto metido em dias de minha vida — e creiam que tenho lidado com um par d'elles.

Todos elles mais ou menos, arranhavam o seu bocado d'inglês, assim como eu, tal qual.

Um delles perguntou-me, o que era que eu tinha palmado, e uma das mulheres, a quantos tinha eu mandado para a outra vida.

Mas eu cá fui tratando de desatracancar o banco da farrapada e estirei-me ao comprido, e como a gente, a respeito de rancho, nem liquido nem solido, não lhe achei graça nenhuma.

E assim se passou a noite.

Ao outro dia fui chamado á presença do juiz, e lá estavam tambem o capitão e o consul e um rór de gente, to.Jos elles com umas caras de quem me queria enterrar pelo chão abaixo.

O juiz leu para ali uma lenga-lenga num maço de papelada, e vae ao depois, perguntou-me, se eu queria explicar-me, para ali, com tres librinhas?

— Leve o demo a gana que eu tenho de as esbrugar, tornei eu.

Ou então se eu antes queria ficar no estarm.

Menos isso! Pelo que eu estou morrendo é por me ver a bordo, para saber a volta que levou um cachorro que é muito meu e que dá pelo nome de Patusco.

Puseram-se todos a rir; e eu, escamado, pespeguei nas ventas ao juiz que o capitão era um pedaço de um burro, e que pregara um pontapé no meu cão, que não era capaz de fazer mal a uma mosca e que eu não tinha embarcado com tenção em ir a Jamaica, mas que antes pelo contrario, queria ir ao cabo de Horn, e que pudesse eu fazer a minha vontade, bem sabia onde estavam de conserva um par de bofetadas valentes.

O vegete quando eu disse isto, pôs-se da côrduma crista de gallo; mas os outros ficaram ás aranhas, e o consul atalhou o negocio, e tive que escarrar para ali as tres librinhas — e mais dois schelins por contra-pêso.

«Espera que eu já te arranjo», disse eu comigo. E fui indo por ali fóra com o vegete até ao caes. Offereci-me para lhe carregar com um maço muito grosso de papelada, que elle levava debaixo do braço, mas elle deitou-me o luzio, de esgueilha, e respondeu-me que tinha medo de que eu o deixasse cair á agua, e que Deus de tal o livrasse pois era um livro muito importante, e que se eu me tornasse a fazer fino, o caso ia parar ao livro e que eu havia de ir logo dali preso, para terra, amarrado, e com os anjinhos botados ás mãos.

E eu á amolar o ca.o, até que chegámos a um sitio arredado, onde ninguem nos pod a ouvir, e vae dahi cresci para elle, e por entre os dentes cerrados, rosnei-lhe: — Não cuides que me metes medo, pedaço de macacão, ora apanhe-te eu outra vez aos pontapés ao meu cachorro e quebro-te esses ossos mais miudos que nem que os pisassem num almofariz. Cuidavas então que era só ir ás algibeiras a um pobre marinheiro, e sacar-lhe assim tres libras, sem mais nem menos.

E elle a bufar que nem um toiro, mas sem abrir bico. E assim que chegámos a bordo, enfiou logo como um raio para o camarote.

(Continúa).

M. MACEDO.



Boletim da Direcção Geral da Instrucção Publica. Director-Prof. Dr. Abel Andrade, director geral de Instrucção Publica. Lisboa, Imprensa Nacional 1906. Um volume de 433 paginas contendo o projecto de reforma da instrucção secundaria elaborado pela Direcção Geral de Instrucção Publica e apresentado ao ex.º ministro do reino em 8 de outubro de 1904. Sobre este projecto de reforma inclui o projecto de lei, que depois foi decretado em 29 de agosto de 1905. Programmas, trabalhos da commissão nomeada por portaria de 8 outubro de 1904; pareceres da commissão e dos reitores dos lyceus, representação do conselho escolar do Curso Superior de Letras, e sobre a reforma da instrucção secundaria; Pareceres do Conselho Superior de Instrucção Publica do vogal dr. Abel Andrade e da Direcção Geral, sobre a dita reforma.

Precede o projecto um relatório habilmente elaborado pelo sr. dr. Abel Andrade, fazendo vêr o estado do ensino em Portugal, o quanto convinha dar-lhe nova orientação mais em harmonia com as necessidades e indicações da epoca. N'este sentido o sr. dr. Abel Andrade apresenta varias modificações das primeiras reformas de 1894 e 1895, que afinal foram substituidas pela lei actualmente em vigor, e que, por assim dizer, se está estudando na pratica, como não pôde deixar de ser n'uma questão tão complexa como é a da instrucção.

Courrières. — A' memoria dos mineiros francezes que pereceram na catastrophe de Courrières em 10 de Março de 1906 — Homenagem do proletariado portuguez — Publicado por alvitre e deliberação da commissão executiva da delegacia associativa d'auxilio ás victimas de Courrières. Numero Unico-Lisboa, junho — 1906. Bastava o fim a que esta publicação se destina, para a recomendar á attenção publica, visto que o producto da sua venda é destinado a socorrer as victimas sobreviventes da catastrophe de Courrières, mas por sua collaboração litteraria e artistica ella se recommenda, pois insere artigos e poesias de escriptores e poetas festejados, a par de gravuras allusivas ao tri-te acontecimento, publicadas pela L'Illustration e generosamente cedidas pela sua administração para apolentar este numero unico da Homenagem do Proletariado Portuguez.

O numero consta de 16 paginas de grande formato, illustradas com gravuras tambem de grande formato e bem impressas em bom papel.

O custo é de 100 reis cada numero e pode ser requisitado para a rua de S. Bento 458. Lisboa.

Carte Postale Lisboa — Paris. Pela commissão executiva da delegacia associativa d'auxilio ás victimas de Courrières, foi tambem publicado um bilhete postal, de que recebemos um exemplar.

E' de bonito desenho composto com as armas de Portugal e de França, as da cidade de Paris e as da cidade de Lisboa; o retrato de E. Zola, etc.

Na parte inferior do Cartão lê-se a palavra Courrières entre as palavras França e Portugal e aos lados Victor Hugo — Camões e Pasteur — Comara Pestana. Este lado do bilhete é impresso sobre as cores da bandeira franceza. No outro lado vêem-se as cores da bandeira portugueza, fazendo fundo a um desenho, allegorico ao trabalho e á imprensa, tendo na parte superior impresso: Lisboa — Paris.

O ultimo Idolo. — Drama em 1 acto de E. Lépine e A. Daudet, versão de Amelia de Azevedo Ferreira. Lisboa etc. E' o n.º 1 do Album Theatral publicação principalmente destinada a amadores dramaticos, pela escolha apropriada das peças, como esta de que damos noticia, traducida pela sr.ª D. Amelia Azevedo, que muito distinctamente se dedica ao cultivo das letras.

No pequeno drama só figuram tres personagens sendo um d'elles secundario, pois que toda a acção se passa entre marido e mulher; elle velho e ella ainda nova, do que resultou um adulterio, de que ella é a primeira a penitenciar-se antes do marido o saber; mas por fim quando o accaso trouxe ao conhecimento d'este a traição de que fóra victima, elle, depois de uma horrivel luta intima e de dirigir as mais asperas censuras á esposa infiel, a extrema bondade do seu coração leva-o a perdoar, o que se não é novo no theatro, é comtudo muito humano na realidade da vida.

(*) Holger Drachmann é um dos mais talentosos e populares contistas da nova geração litteraria de autores dinamarquêses, e cabe ao OCCIDENTE a honra de apresentar, p. la vez primeira, ao leitor portuguez uma produção do laureado escritor.



DUQUE DE ALMODOVAR DEL RIO

NECROLOGIA

DUQUE DE ALMODOVAR DEL RIO

Ainda não ha muito este nome se destacou vantajosamente, como o do diplomata que mais importante papel teve na Conferencia de Algeciras, aquelle que se esforçou para que essa conferencia se não mallograsse, entre tantos interesses que n'ella se debatiam das primeiras potencias como a Allemanha, a França e a Inglaterra.

Com interesse eram lidos os telegrammas de Algeciras, que tantas vezes deixavam os espiritos preplexos sobre os resultados da Conferencia, e em que se via os grandes esforços, o grande trabalho do Duque de Almodovar, delegado da Hespanha, para demover as difficuldades que se levantavam entre os representantes das potencias, especialmente da Allemanha e da França, lembrando novos alvites, empregando todos os recursos da sua fina diplomacia para tudo conciliar, e chegar ás conclusões pacificas e de beneficio para a humanidade que a conferencia, felizmente, alcançou, pelo menos temporariamente.

D. Juan Manuel Sanchez y Gutierrez de Castro Duque de Almodovar del Rio, que falleceu em Madrid no dia 23 do corrente, era um dos vultos mais eminentes da politica do visinho reino, e quando outros factos da sua vida o não demonstrassem, bastaria attender á figura brilhante que elle fez na conferencia de Algeciras, como já dissemos.

O Duque de Almodovar por tres vezes foi ministro dos estrangeiros, a primeira vez com Sagasta e agora com Moret, que na recomposição ministerial ultimamente realisada, conseguiu que o Duque de Almodovar continuasse na mesma pasta dos estrangeiros.

Com sacrificio continuou o illustre diplomata no ministerio, pois, tendo-lhe morrido ha cerca de um mez sua esposa, esse triste acontecimento o desgostara muito e lhe abafara ainda mais a saude, que já era precaria.

A Hespanha tem a lamentar a perda de mais um dos seus homens de estado, de maior importancia.

DR. GREGORIO RODRIGUES FERNANDES

Era um dos clinicos mais conhecido e apreciado em Lisboa o dr. Gregorio Fernandes, falleci-

do no dia 24 do corrente, depois de ter sofrido uma delorosa operação cirurgica a que o seu estado de fraqueza e definhamento da doenca não poudo resistir.

Gregorio Rodrigues Fernandes nasceu em Salvaterra de Magos a 4 de janeiro de 1849, e cursou a Escola Medica de Lisboa, onde defendeu these: *As resecções e a sua importancia cirurgica*, em 1878.

Era habil operador tendo sido o primeiro que em Portugal fez a operação da resecção do joelho. No Hospital de S. José tinha a seu cargo a



DR. GREGORIO RODRIGUES FERNANDES

enfermaria de S. Francisco. Tambem exerceu as funcções de delegado de saude nos annos de 1884 a 1886.

Foi vice-presidente e depois presidente da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa. Collaborou em varias publicações scientificas do pais e deixa em separado, alem da sua these inaugural, *Pathogenia da febre traumatica*, publicado em 1875 e *Glaucoma* impressa em 1877.

O dr. Gregorio Fernandes alem dos seus merecimentos como homem de sciencia, distinguia-se ainda pela extrema bondade do seu coração, exercendo as suas funcções de clinico, mais como um sacerdocio do que como mercenário, o que hoje vae rareando, n'esta epoca toda mercantelismo.

O dramazinho está á venda no *Monaco* e custa 120 reis.

A Mocidade. *Gomes Leal poesia recitada na noite de 4 de novembro de 1905, em Coimbra, na festa academica de Recepção aos Novatos* — Coimbra Typographia França Amado, 1906. Um folheto de 37 paginas, sendo 21 de carta do auctor dirigida a José d'Arruella, um dos maiores influentes da festa academica da *Recepção aos Estudantes*, carta que é um interessante juizo critico sobre o estado da patria portugueza e que termina apoiando, com entusiasmo, o acabar dos maus tratos que se davam aos novatos da Universidade.

A Mocidade. são versos cheios de vida e de humorismo, como os sabe fazer Gomes Leal, com aquella fluencia espontanea e exuberante do seu talento poetico.

Esta poesia foi muito applaudida quando recitada na festa; não será menos apreciada agora impressa em folheto.

ANTONIO DO COUTO ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionais e estrangeiras

R. do Alecrim, 441, 1.º (á P. Luiz do Camões) — LISBOA

Methodo Berlitz

LISBOA

R. do Alecrim, 30 A
1.º e 2.º andar

PORTO

Rua S4 da Bandeira, 259

Dois medalhas de ouro e prata
Exposição Universal de Paris de
1900 **Grand Prix**—
Exp. de S. Luiz 1904
Exp. de Liege

THE BERLITZ SCHOOL OF LANGUAGES
Academia de Linguas Vivas

Ensino pratico

POR

Professores estrangeiros

Professores de S. M. El-Rei D. Affonso XIII

Professores de S. M. o Principe Real da Allemanha

Professores de S. M. o Principe Fricdr. Wilh. da Prussia, etc.

ENSINO INDIVIDUAL e em CLASSES GERAES, separadas para HOMENS e SENHORAS

Allemao, inglez, francez, italiano, hespanhol, portuguez

Os cursos da Academia BERLITZ funcionam todos os dias das 8 da manhã ás 10 horas da noite

LE DICTIONNAIRE
DES SIX LANGUESMédaille à l'Exposition Universelle
de Paris de 1900Français, Allemand, Anglais, Espagnol,
Italien et portugais

Prix 25 francs ou 1 £

Editeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal



A melhor agua de mesa conhecida

AGUAS MINERAES DO MONTE BANZÃO-COLLARES
GAZOSAS LITHINADAS

Deposito geral:

Rua do Arco do Bandeira, 216, 1.º
LISBOA

CASA BANCARIA

José Henriques Totta

69, 75, Rua do Ouro, 69, 75

LISBOA

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Bonbons e nougat da fabrica Iniguez

KILO 18500 RÉIS

Os bonbons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca
em todos

os estabelecimentos



CHOCOLATE--CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos
os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis